

O OLHO DE LILITH E OS SENTIDOS DO ERÓTICO: UMA ANÁLISE DOS POEMAS DE MIKA ANDRADE, NÁDIA CAMURÇA E ARGENTINA CASTRO¹

Vitoria Lopes Evangelista²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir como o erotismo se manifesta na antologia poética *O olho de Lilith* (2019), organizada por Mika Andrade³. Para tanto, analisamos três poemas presentes na obra: “As querências de Lilith”, “Vulva termostática” e “Mulher”. A partir do trabalho de Mary del Priore (2011) discorremos sobre como a sexualidade, o desejo e prazer femininos foram tolhidos ao longo da História e como isso reflete na compreensão do tema como um tabu. Com base em Socorro Pinheiro (2019), abordamos a recepção aos poemas de Gilka Machado, pioneira na poesia erótica de autoria feminina. Apoiadas nos trabalhos de Audre Lorde (2019) e Bell Hooks (2017-2021), debatemos sobre as múltiplas faces do tema. Concluimos que a obra *O Olho de Lilith* (2019), ao tematizar o corpo, o desejo e o prazer femininos, contribui para a desconstrução do erótico como interdito, representando-o, antes, como uma potência de vida inalienável.

Palavras-chave: poemas eróticos, literatura de autoria feminina, literatura cearense, *O olho de Lilith*.

Abstract: This paper aims to discuss how eroticism manifests in the poetry anthology *O Olho de Lilith* (2019), organized by Mika Andrade. For this purpose, we analyze three stories within the work: “As querências de Lilith,” “Vulva termostática,” and “Mulher.” Drawing on Mary del Priore’s work (2011), we examine how female sexuality, desire, and pleasure have been historically suppressed and how this has shaped the understanding of these themes as taboo. Based on Socorro Pinheiro (2019), we explore the reception of poems by Gilka Machado, a pioneer of erotic poetry by female authors. With support from the works of Audre Lorde (2019) and Bell Hooks (2017-2021), we discuss the multiple facets of the theme. We conclude that *O Olho de Lilith* (2019), by thematizing the female body, desire, and pleasure, contributes to the deconstruction of eroticism as a prohibition, instead portraying it as an inalienable life force.

Keywords: erotic poetry, female literature, Cearense literature, *O olho de Lilith*.

¹ Trabalho de Conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof. Luana Antunes Costa.

² Discente do curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

³ Apresentamos o primeiro nome como forma de evidenciar a autoria feminina das nossas referências.

INTRODUÇÃO

Mary del Priore nos apresenta, em *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011), como a sexualidade e o erotismo foram vistos e vivenciados ao longo da nossa História. Compreendendo o peso do processo colonial e os seus impactos na construção da nossa cultura, a historiadora discorre sobre como os hábitos dos povos originários surpreenderam os colonizadores, sobretudo no que diz respeito à nudez e à poligamia:

Ao desembarcar na então chamada Terra de Santa Cruz, os recém-chegados portugueses se impressionaram com a beleza de nossas índias: pardas, bem dispostas, “suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha alguma” (del Priore, 2011, p. 14).

Segundo a historiadora, a nudez das nossas indígenas não inspirava sensualidade, mas uma inocência de quem desconhece o mal: “Até suas ‘vergonhas depiladas’ remetiam a uma imagem sem sensualidade. As estátuas e pinturas que revelavam mulheres nuas, o faziam sem pelos púbicos. A penugem cabeluda era o símbolo máximo do erotismo feminino” (del Priore, 2011, p. 14). Se em um primeiro momento a nudez foi interpretada como um sinal de inocência, logo passou a ser tomada como indício de pobreza e, conforme del Priore (2011), à medida que os povos indígenas resistiram à invasão estrangeira, sua imagem foi sendo demonizada.

A nudez foi combatida desde o início da colonização, de acordo com del Priore (2011), e para tanto, os padres jesuítas encomendavam panos para que os indígenas aqui se cobrissem, pois, vestir o índio “[...] era afastá-lo do mal e do pecado. O corpo nu era concebido como foco de problemas duramente combatidos pela Igreja nesses tempos: a luxúria, a lascívia, os pecados da carne” (del Priore, 2011, p. 16). Ao transportar para a colônia os padrões religiosos da metrópole, os portugueses aqui instalados moldaram a nossa cultura, interferindo diretamente na maneira como vemos e vivenciamos a sexualidade.

Compreendido como um mal necessário à reprodução, o ato sexual foi severamente regulamentado, sendo permitido apenas aos casais unidos pelo sacramento do matrimônio. O prazer sexual, no entanto, permanecia vetado, de modo que controlar os desejos carnis e fugir ao erótico era uma recomendação universal. Embora o controle das sexualidades se destinasse a todos, era sobre o corpo da mulher que a vigilância se fazia mais categórica. A propósito do sexo feminino, del Priore (2011, p. 35) escreve:

Os pregadores barrocos preferiam descrevê-lo como a “porta do inferno e entrada do Diabo, pela qual os luxuriosos gulosos de seus mais ardentes e libidinosos desejos

descem ao inferno”. A vagina só podia ser reconhecida como órgão de reprodução, como espaço sagrado dos “tesouros da natureza” relativos à maternidade. Nada de prazer. As pessoas consideradas “decentes” costumavam se depilar ou raspar as partes pudendas para destituí-las de qualquer valor erótico. Frisar, pentear ou cachear os pelos púbicos eram apanágios das prostitutas. Tal lugar geográfico só podia estar associado a uma coisa: à procriação.

Extrapolando os limites do leito conjugal e do lar, “Condenavam-se, também, ‘as cantigas lascivas’, ‘os bailes desonestos’, ‘os versos torpes’, ‘as cartas amatórias’, ‘a alcovitice’, ‘as bebedices’, os ‘galanteios’” (del Priore, 2011, p. 50). Ao nos debruçarmos sobre essa base repressora da sexualidade e do corpo feminino, podemos compreender como o tema do erotismo se constitui como um tabu ainda atualmente.

Socorro Pinheiro (2019), em *O imaginário erótico na poesia de Gilka Machado: algumas reflexões*, discorre sobre aquela que no século XX “desafiou a tradição literária escrevendo poesia erótica” (Pinheiro, 2019, p. 105). A respeito da recepção aos poemas de Gilka Machado, a teórica escreve:

Foi simultaneamente elogiada e criticada pelo tipo de poesia que escreveu. Os ataques a sua produção foram graves, mas não a impediram de escrever uma obra literária de relevância estética, histórica e filosófica. Deixou-nos uma produção literária que destaca o desejo a partir da ótica feminina, sendo, portanto, precursora do erotismo literário feminino no Brasil. Gilka, ao escrever poesia erótica, está numa tradição que remete ao pioneirismo de Safo de Lesbos, nascida provavelmente por volta de 640 a. C, em Mitilene, considerada como primeira poetisa erótica da Antiguidade (ALEXANDRIAN, 1993) (Pinheiro, 2019, p. 106).

O pioneirismo de Gilka Machado é destacado por Pinheiro (2019), contudo, é pertinente refletirmos a forma como a poeta viveu:

Ao elaborar seu projeto literário constituído majoritariamente de temática erótica, Gilka entra em choque com a sociedade conservadora da época, sofre preconceitos e vive na marginalidade. Mesmo tendo escrito nove livros de poesia, conferindo-lhe o pioneirismo na poesia erótica brasileira, ter sido convidada para fazer parte da Academia Brasileira de Letras, por Jorge Amado em 1977, e ainda considerada a maior poetisa brasileira pela revista *O malho*, nenhum desses expedientes foram suficientes para impedir que ela fosse deixada à margem. Vivendo numa sociedade marcadamente patriarcal, que fazia o favor de silenciar qualquer tipo de voz que se levantasse contra os preceitos sociais da época, a poesia de Gilka também ressoou como um sinal de ataque, ficando, portanto, durante algum tempo obliterada da história (Pinheiro, 2019, p. 107).

O apagamento daquela que inaugura a poesia erótica de autoria feminina no Brasil está intrinsecamente ligado ao projeto de repressão da sexualidade feminina elaborado desde o período colonial. Se é negado à mulher o lugar da produção intelectual e cultural, quanto não lhe será negado o de produzir uma arte que exalta o corpo, o desejo e prazer femininos? É diante dessas questões que propomos estudar a antologia de poemas eróticos *O olho de Lilith* (2019), buscando contribuir para a construção de uma fortuna crítica dessa obra.

Diante disso, a pesquisa se justifica em razão da urgência em discutirmos como essa literatura se apresenta como uma forma de resistência exaltando não só o corpo feminino potente e desejante, mas o amor de/entre mulheres, bem como do meu desejo de estudar a poesia erótica feminina cearense. Assim, o presente trabalho propõe analisar de que forma é apresentado o discurso erótico nos poemas da obra *O olho de Lilith* (2019), além de discutir sobre os modos como os corpos femininos são representados na obra.

Recentemente publicado no Brasil pela editora FERINA, em 2019, *O olho de Lilith* já havia sido publicado de forma virtual nas plataformas digitais, a versão física, entretanto, possui poemas que não estavam presentes na versão digital. Com um total de 41 poemas, a antologia conta com a contribuição de várias autoras cearenses tais como: Anna K. Lima, Argentina Castro, Ayla Andrade, Bianca Ribeiro, Jesuana Sampaio, Mika Andrade, Nádia Camuça, Nina Rizzi, Sara Síntique, Suellen Lima e Vitória Régia.

A antologia é organizada pela poeta e escritora Mika Andrade, outras obras de sua autoria são: *Alguns versos pervertidos* (2016/2018), *Descompasso* (2016) e *Poemas obsessivos* (2017). Andrade também participou da antologia de contos *Literatura br* (2016), da coletânea de *Contos vol. IV* (Sesc, 2017), *Devoção - poemas reunidos* (2021), e *na memória do corpo* (2023). Nadia Camurça é escritora, atriz e educadora. Graduada em Licenciatura em teatro pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Nádia publicou seu primeiro livro em 2021, intitulado *Meus Fantasmas Dançam no Silêncio*, com uma nova publicação em 2023 pela editora Penalux. Em 2022 *Cierzo* foi publicado pelo selo editorial Literatura BR. A escritora integra ainda o coletivo Poexistência.

Argentina Castro possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2008) e é mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia -UFBA (2013). Tem experiência na área de Antropologia com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, cotidiano, memória, espaço urbano, imagem/fotografia, gênero e literatura. As escritoras citadas, são as autoras dos três poemas que analisamos: “As querências de Lilith”, “Vulva termostática” e “Mulher”. São poemas que trazem temáticas semelhantes, que dialogam entre si e conversam com as temáticas do erotismo, sexualidade, prazer e corpo femininos. Embora as normas da ABNT recomendem o nome da organizadora da obra nas citações e referências, optamos por inserir o nome da poeta autora de cada um dos poemas logo após a citação, ao final nas referências, seguindo a indicação, utilizaremos apenas o nome de Andrade, organizadora da antologia.

A pesquisa se faz academicamente relevante, principalmente para a área de Letras Língua Portuguesa e para o campo da Literatura, pois se debruça sobre a poesia erótica contemporânea de autoria feminina. De acordo com uma das escritoras e organizadora da antologia, Mika Andrade (2019), as produções realizadas por escritoras cearenses ainda são pouco visibilizadas dentro da cena literária, dessa forma, o trabalho também se faz socialmente relevante por valorizar a produção literária de escritoras cearenses desconstruindo os estereótipos de que autoras/es nordestinas/os só escrevem sobre temas como a seca, a pobreza e o êxodo rural.

Antes de mais nada, a escolha dos poemas analisados, refletem as vivências pessoais da autora desde estudo. Uma mulher, poeta, pertencente a comunidade LGBTQIAPN+ que sempre se utilizou da escrita como forma de expressar sentimentos, até mesmo como forma de resistência ao meio machista em que cresceu, além de trazer consigo a vontade de dar voz as mulheres da sua família, sua mãe e suas duas avós, a quem este trabalho é dedicado.

O nosso trabalho está dividido em quatro partes principais, a primeira corresponde à introdução, seção na qual apresentamos um breve percurso acerca da compreensão do erótico ao longo da História; a segunda, intitulada “O erótico como força motriz da experiência literária”, trata do erotismo na literatura, destacando como os corpos femininos são re-criados na obra; a terceira, quarta e quinta parte, intituladas: “Lilith: corpo desejante”, “vulva termostática” e “Amor entre mulheres: Poema Mulher”, respectivamente, correspondem às nossas análises, onde discutimos como o tema do erotismo se manifesta na obra estudada. Ao final apresentamos as nossas considerações e referências.

1. O ERÓTICO COMO FORÇA MOTRIZ NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA FEMININA

Irmã Outsider (2019), livro da escritora, filósofa, poeta e ativista feminista estadunidense Audre Lorde, dedica um capítulo ao tema do erótico, de modo que em “Usos do erótico: O erótico como poder”, a intelectual defende o conceito como um poder intrínseco a todos nós, faz parte de cada pessoa, uma energia profundamente espiritual que se liga a vida. Porém, ao longo do tempo essa noção foi suprimida e deturpada, principalmente dentro da realidade feminina. Lorde (2019) afirma que o erótico, na maioria das vezes, é rebaixado ao pornográfico, quando, na verdade, se encontra ligado aos nossos prazeres mais diversos. Para

muitas mulheres, sobretudo na contemporaneidade, o erótico é percebido como uma ferramenta de autoconhecimento, e, por isso, empoderadora.

Para entender que o erótico não se refere somente ao ato sexual, mas também à força motriz que impulsiona a vida, Bell Hooks (2013) traz o debate sobre o erotismo dentro da sala de aula no livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. No capítulo “Eros, erotismo e o processo pedagógico”, a teórica narra que durante sua vida acadêmica, raramente os professores falavam sobre o lugar do eros dentro da sala de aula, como se o erótico não tivesse lugar dentro daquele ambiente, deixando o corpo totalmente reprimido dentro da sala de aula, sobretudo o corpo feminino. Hooks (2013) percebeu que, tanto para ela no papel de professora quanto para os alunos, o eros tinha que se fazer presente dentro da sala de aula, como o elemento vital, em que a paixão estivesse presente e as relações sociais se concretizassem.

No capítulo “Usos do erótico: o erótico como poder”, Audre Lorde propõe uma reflexão profunda sobre a sexualidade e o erotismo, desafiando as concepções tradicionais que costumam reduzir o erótico a um espaço de vergonha e repressão. A autora argumenta que o erotismo é um meio de resistência. O erótico deve ser celebrado como uma expressão autêntica da força feminina e como uma ferramenta de autoconhecimento. Lorde (2019, p. 67) destaca que “o erótico é um recurso intrínseco a cada um de nós localizado em um plano profundamente feminino e espiritual, e que tem raízes férteis no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados”.

E comum que as pessoas relacionem o erótico a algo pejorativo, ou o associem ao pornográfico, como escreve Audre Lorde (2019, p. 67), em *Imãs Outsider*:

O erótico é fundamentalmente deturpado pelos homens e usado contra as mulheres. Foi transformado em uma sensação confusa, trivial, psicótica, plastificada. Por essa razão, é comum nos recusarmos a explorar o erótico e a considerá-lo uma fonte de poder e informação, confundindo-o com seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é uma negação direta do poder do erótico, pois representa a supressão do verdadeiro sentimento. A pornografia enfatiza sensações sem sentimento.

De acordo com Lorde (2019), é fundamental desfazermos essa confusão, pois essa associação limita o poder do erótico dentro de cada mulher e nos impede de experienciar e desfrutarmos de nossas potencialidades. Igualar o erótico ao pornográfico significa conceber mais uma forma de controle sobre o corpo feminino, pois se o erótico é confundido com a pornografia, então este se conceberia como a objetificação do corpo feminino. Somos postas em um lugar de culpa quando exploramos nossos corpos e seus prazeres, assim, dificilmente conseguimos desbravar e acessar dentro de nós o poder do erotismo que nos habita.

A potencialidade do erótico no corpo feminino desde a infância foi moldada para suprir necessidades de outros, nunca de nós mesmas, somos condicionadas ao que podemos ou não fazer, o que podemos ou não dizer, como devemos ou não nos comportar, “isto não é coisa de menina”, “assoviar é coisa de menino”, “menina veste rosa”, “futebol não é coisa de menina”, “você já é uma mocinha, tem que usar sutiã”, discursos como estes encarceram a energia erótica do corpo feminino, limitando suas vivências.

O erótico se firma como uma energia genuína que emana de forma ainda mais urgente da mulher, uma energia reprimida, socialmente usada para controlar nossos instintos mais profundos e assim nos tornar domesticáveis e obedientes, conforme Audre Lorde (2019, p. 67):

Para se perpetuar, toda opressão precisa corromper ou deturpar as várias fontes de poder na cultura do oprimido que podem fornecer a energia necessária para mudança. No caso das mulheres isso significa a supressão do erótico como fonte considerável de poder e de informação ao longo de nossas vidas.

Portanto, buscamos refletir o erótico a partir de um olhar feminino, pois o erótico está ligado a força de vida da mulher, por conseguinte, relacionando-se aos diferentes modos de prazer que podem experimentar, como uma forma de poder e de sentir o mundo. Abordar o erótico, principalmente por uma perspectiva feminina, ainda é um grande tabu na sociedade em que vivemos.

Djamila Ribeiro (2017), em sua obra *Lugar de fala: feminismos plurais*, conceitua o termo “Lugar de fala” a fim de demonstrar que as experiências e vivências de um indivíduo influenciam a sua perspectiva sobre questões sociais, políticas e culturais. Em outras palavras, cada pessoa tem um "lugar" que molda sua visão de mundo, especialmente em relação a temas como raça, gênero e classe. Diante disso, a obra estudada aborda o corpo, o prazer feminino a partir de uma perspectiva também feminina, são mulheres falando de seu próprio gênero em um movimento que nos aponta para a autodeterminação dessas escritoras. Elas são tema e autoras. A obra *O olho de Lilith* (2019) traz o ponto de vista de mulheres se expressando abertamente através da poesia para refletir sobre os seus corpos, seus prazeres e suas sexualidades.

2. LILITH CORPO DESEJANTE

O poema “As querências de Lilith”, da poetisa Mika Andrade, divide-se em três partes e três estrofes. A forma como está organizado nos lembra uma peça teatral: cada parte funciona como um ato, como se fossem cenas interligadas uma à outra, dando visibilidade às vozes

discursivas que vão surgindo em cada ato. Assim como em uma peça teatral, além de trazer as figuras, lilith⁴, adão e deus, o lugar onde as cenas acontecem também é evidenciado, o Jardim do Éden, onde se deu início as querências de lilith. No poema adão e deus se tornam personagens coadjuvantes, ao passo que todos os eventos ocorrem a partir do desejo de lilith, conforme vemos nos versos, “adão, me toma pelo cu! [...] me cavalga com virilidade/ e volúpia!” (Andrade, 2019, p. 14)⁵.

É possível observar que os nomes de deus, lilith e adão, estão escritos com letra minúscula, apontando para uma ideia de igualdade entre o criador e a criação. A voz poética apresenta, logo na primeira estrofe do poema, a cena na qual lilith e adão praticam o ato sexual. Tal ação entre lilith e adão não é reprimida de início, mas sim um acontecimento desejado aos olhos de deus, a terceira figura poética da cena, uma vez que os dois estavam cumprindo com seus papéis destinados à humanidade desde a criação dos tempos: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” (Bíblia, Gn, 1, 2). Homem e uma mulher são criados para se relacionarem, reproduzir e povoar o mundo recém-nascido: “sem preocupações sob os/ olhares vigilantes de deus,/ adão e lilith fornicavam/ sobre as gramíneas do/ bellissimo jardim [...]” (Andrade, 2019, p. 13).

A desordem no paraíso acontece quando lilith se posiciona de quatro em frente a adão: “[...] até que num momento/ breve de êxtase, a varoa/ com o corpo/ em tremeliques/ vira-se/ e fica na posição de quadrúpede” (Andrade, 2019, p. 13). lilith se mostra como um corpo desejanste, assim como está no título do poema “As querências de lilith”, representando o querer de uma mulher conhecedora dos prazeres do seu corpo. Tal autonomia de lilith em saber o que lhe dá prazer, fere o ego e a masculinidade de adão. Um simples ato transforma lilith em sinônimo de rebeldia, pois seu corpo não se porta de forma subserviente em relação ao homem ou ao poder masculino.

O poema, ao convocar a figura mítica de lilith e destacar a cena em que ela se reposiciona durante o ato sexual, contraria o mito da criação do mundo, no qual eva seria a primeira mulher de adão. eva, a mulher criada de e para adão, a companheira ideal feita por deus, para que o primeiro homem não se sentisse sozinho. Diferentemente de adão, feito do barro, tornando-se vivo com o sopro de deus em suas narinas, eva é formada da costela de adão, “Então o Senhor

⁴ Os nomes próprios estão grafados com letra minúscula na obra. A fim de mantermos um padrão na escrita, adotaremos também essa forma no corpo de texto.

⁵ A fim de explicitar a autoria de cada poema, nas citações utilizaremos o nome da poeta. Ao final, nas referências, apresentaremos o nome da organizadora da antologia conforme prevê a ABNT.

Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne” (Bíblia, Gn, 2, 21).

No mito da criação, eva é representada como uma figura submissa ao masculino, por ser criada da costela de adão, associando a ideia de dependência do outro para existir, “Disse então o homem: ‘Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada’” (Bíblia, Gn, 2, 23). eva é convencida pela serpente a provar do fruto da árvore proibida por deus, ao provar do fruto e convencer adão a ter a mesma atitude, eva é punida, como podemos observar no versículo: “À mulher, ele declarou: ‘Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará’” (Bíblia, Gn, 3, 16).

A punição dada a eva reforça o controle sobre o corpo feminino, doutrinando esse corpo, responsabilizando-o pela ruína da humanidade ao provar o fruto da árvore proibida. Se eva, com sua desobediência, é a responsável pela decadência da humanidade, é na figura da virgem Maria que as boas mulheres devem se espelhar. del Priore (2009, p. 33), em *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*, escreve que: “O modelo de feminilidade que vicejava era ditado pela devoção a Nossa Senhora e correspondia a comportamentos ascéticos, castos, pudibundos e severos. Cultuava-se a virgindade, e o tratamento divino dispensado às ‘11 mil virgens’ devia ser almejado por todas as mulheres”.

O “olho cego de lilith” mencionado no poema faz referência ao orifício do ânus, dada a sua posição como indicado nos versos, “[...] vira-se/ e fica na posição de quadrúpede./ Tal é o espanto de adão/ diante do olho cego de lilith,/ que cai de cara no chão [...]” (Andrade, 2019, p. 13). Com o olho cego de desejo, enxergando todo o prazer ou não enxergando nada além do próprio prazer, lilith dita o que quer, como deseja ser tocada, expressando em tons de ordem como podemos perceber pelo emprego de verbos no imperativo: “adão, me toma pelo cu!/ faz com que eu sinta/ o líquido da vida/ escorrer pelo vértice/ me cavalga com virilidade/ e volúpia!” (Andrade, 2019, p. 14).

A vagina é evidenciada pelo jogo de palavras. A autora utiliza o recurso estilístico da aliteração, figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas consonantais, no poema vemos a repetição do fonema /v/, dando fluidez e ritmo aos versos finais: “adão vigia a vagina que a vagina é vida: vulgarizada/ desvalorizada/ vilanizada.” A repetição do fonema /v/ chama a atenção para a vagina e para as ideias que são corriqueiramente associadas ao órgão feminino, o mesmo órgão que é a porta da vida, é também o órgão deturpado, controlado, tido apenas

como o objeto de prazer do outro, desmoralizado socialmente para fazer com que mulheres se envergonhem de si.

Na estrofe III, a vagina é comparada ao fruto divino: “lambuza-se co’meu sumo/ sorva todo líquido/ meu gozo é seiva/ de um fruto permitido” (Andrade, 2019, p. 15). A vagina não é mais um fruto proibido e pecaminoso, já não existem impedimentos, lilith então se apresenta como uma figura feminina que não atribui a si a culpa do mito da criação, crime pelo qual eva é responsabilizada e paga sendo expulsa do Paraíso: “Por isso o Senhor Deus o mandou embora do jardim do Éden para cultivar o solo do qual fora tirado” (Bíblia, Gn, 3, 23).

Comandadas pelo olho de lilith, segundo as lendas um ser profano, perverso e pecaminoso, por vezes subjugado, as poesias vão tomando forma. lilith é uma personagem citada não somente nas produções audiovisuais, mas também tem seu espaço nas artes plásticas e na literatura. Uma figura da mitologia judaico-cristã com representações distintas entre várias civilizações antigas (Silva, 2021). Em relação à bíblia sagrada cristã, alguns estudiosos defendem a existência de lilith. Embora tal figura não seja citada de forma direta no livro de Gênesis, acredita-se em um possível apagamento de lilith, em razão de sua insubordinação a deus e a adão, a quem devia obediência. Por tal motivo essa figura, teria sido associada ao maléfico, sendo transformada em um ser demoníaco. Iana Christina Silva (2021) traz, em sua dissertação *Lilith a profanação e a paródia: uma leitura de caim de Saramago*, pontos interessantes sobre o livro de Gênesis que corroboram com a existência de lilith:

No capítulo 2, versículo 18, do mesmo livro, é dito “Não é bom que o homem esteja só”; em seguida, nos versículos 21-22: “Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou a partir de uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher”. Esses são os episódios que narram a criação da mulher. Está aí a contradição: “Os dois relatos, a primeira sequência de sete dias e o contido em Gênesis 2,5-3,24, falam de duas Criações diferentes, que não podem ser ambas verdadeiras – porque seus detalhes se contradizem mutuamente” (Silva, 2021, p.43).

lilith é mencionada em outras escrituras religiosas, citada no texto sumério Épico de Gilgamesh, na Torá, no Talmude hebraico, o mito de lilith também é citado em livros judaicos como o *Zohar* e a *Cabala* (Silva, 2021). Em algumas culturas essa figura é atrelada à escuridão, representada na forma dos animais da noite, um ser demoníaco, sedutora de homens e causadora de suas ruínas. Na contemporaneidade, lilith é vista de forma simbólica como um espírito transgressor (Silva, 2021).

Não diferentemente de lilith, na sociedade em que vivemos, as mulheres são julgadas quando contrariam o sistema patriarcal, machista e sexista, por isso se torna indispensável trazer vozes femininas dialogando entre si, sobre seus corpos e seus prazeres, reprimidos desde a

criação do mundo. Não à toa o poema “Querências de lilith” inicia a antologia erótica *Olho de Lilith*, pois a representatividade dessa figura abre caminho para que outras mulheres possam transgredir através da escrita, conforme escreve Jarid Arraes no prefácio da antologia: “As bundas, vulvas, peitos e bocas que vivem em autonomia. [...] Lilith anfitriã dessa orgia, pronta pra arregar o olho - seu e de quem lê.”

3. VULVA TERMOSTÁTICA

Embora as mulheres tenham tido mais liberdade para falar de seus corpos, alguns temas como a masturbação feminina, transformações vivenciadas pelo corpo feminino, ainda são considerados grandes tabus, fazendo com que haja um certo receio em dialogar publicamente e, principalmente mulheres dialogando umas com as outras em espaços públicos da circulação de informação sobre tais temas. Anna Terra Dos Santos Araújo, em sua dissertação, *A escrita erótica de autoria feminina: entre a domesticação e a transgressão*, discute a autonomia da mulher em conhecer o próprio corpo e sobre o poder da autoconsciência sexual. A autora argumenta que

A masturbação feminina, por exemplo, é uma ação que ameaça, diretamente, o controle imposto ao corpo e a sexualidade das mulheres. Essa prática é condenada por quem compactua com o discurso de que o ato sexual está ligado diretamente à procriação e ao prazer masculino, descartando totalmente o direito feminino ao gozo. (Araújo, 2022, p. 72)

Na obra estudada, a questão da masturbação feminina é revisitada, dessa vez sob uma nova perspectiva, que não reduz a masturbação apenas à prática sexual, mas ao prazer da mulher, ao autoconhecimento, um momento em que o erótico está amplamente inserido. As autoras tratam a masturbação feminina como uma ferramenta que liberta e emancipa mulheres das correntes do passado. No poema “Vulva termostática”, de Nádia Camurça, a masturbação é esmiuçada a cada passo, um corpo que se movimenta lento e intensamente, em um êxtase profundo proporcionado não apenas pelo gozo, mas pelas sensações, a capacidade erótica e as conexões de um ser com seu próprio universo: “Sinto nos meus dedos o prazer de estar comigo/ Essa não é uma cena triste/ Isso não é solidão/ vou percorrendo meus pelos/ acariciando meus lábios/ ternura [...]” (Camurça, 2019, p. 23).

O ato da masturbação expressado em “Vulva termostática”, embora seja um ato solo, não é solitário, o poder que há nas pontas dos dedos de uma mulher aparece nos versos: “Sinto nos meus dedos o prazer de estar comigo/ Essa não é uma cena triste/ Isso não é solidão [...]” (Camurça, 2019, p. 23). O prazer de estar consigo sem depender de qualquer outro, estar gozando da companhia de si, não é solidão, é solidão, é solidão, ação de estar sozinha intencionalmente,

fazendo qualquer coisa ou coisa alguma em sua própria companhia e se sentir bem com essa escolha, vejamos no verso: “[...] vou percorrendo meus pelos/ acariciando meus lábios/ ternura [...]” (Camurça, 2019, p. 23).

O prazer sexual da mulher é corriqueiramente restringido à vagina, resumido exclusivamente ao canal vaginal, de modo que a única prática possível seria o sexo com penetração, a vulva e demais áreas erógenas seguem esquecidas. No poema, o órgão feminino é mencionado como um todo, a vulva, parte externa do órgão genital feminino, detentora de tantos pontos de prazer: “[...] vulva termostática/ Sua função é proporcionar um aquecimento/ mais rápido/ e depois manter a temperatura dentro de uma faixa ideal,/ controlando o fluxo de líquido/ é uma válvula [...]” (Camurça, 2019, p. 23).

A vulva, no poema, é então uma válvula, que ao atingir a temperatura ideal, libera todo o líquido, toda a tensão de um corpo antes aprisionado. Uma válvula que liberta esse corpo de séculos de culpa, impedido de experimentar o prazer do auto gozo pelo rótulo de ser imoral e ao ter consciência das diversas formas de sentir prazer e entender que o prazer não está relacionado especificamente a outro corpo, o sentimento de revolta surge: “[...] quando eu enxerguei minha luz, amaldiçoei a/ todos por essa escuridão/ do sexocorpo aprisionado da mulher tenaz aquela que resiste à pressão sem partir-se/ liquefaz/ que faz desse momento seu domínio sobre si/ tu és mulher/ livre pra se amar/ tenho tesão em mim [...]” (Camurça, 2019, p. 24).

Contradizendo toda lógica imposta, no poema “Vulva termostática”, a voz poética, percebida nessa leitura como um sujeito feminino, tem o conhecimento do seu corpo, por isso sabe o que a satisfaz: “[...] enquanto você pensa que sabe o que fazer/ eu penso como realmente é [...]” (Camurça, 2019, p. 24). Agora essa mulher amaldiçoa a escuridão a qual a conduziram e que a impediu de viver suas potencialidades, de um corpo tenaz, fragmentado diversas vezes, resistindo às opressões da sociedade. Meninas são proibidas desde a infância dentro do próprio lar, de tocar seus corpos, enquanto os meninos são incentivados a isso. É comum garotas ouvirem, no simples movimento de tocar a região genital algo do tipo: “tira a mão daí!” ou até mesmo levar um tapa de algum adulto na mão, como forma de repreensão daquele movimento. No caso dos garotos, os adultos tendem a achar “bonito” ou “engraçado” quando a criança está tocando a genital, não sendo por isso repreendidos. Em vista disso, Araújo (2022, p. 34) destaca:

As recorrentes repreensões acerca do comportamento ocorrem desde a infância e não estão associadas ao exercício de formar cidadãos educados e participativos. O que ocorre, em muitos casos, é o fato dessas advertências estarem carregadas de padrões que visam construir um perfil ideal de sujeito que atenda às expectativas do patriarcado; assim são moldadas atitudes e comportamentos a partir do que se constrói enquanto modelo ideal de homem e mulher.

Ao libertar-se da escuridão imposta desde o nascimento, esse corpo agora sai da posição de dominado e assume o lugar de domínio: “[...] faz desse momento seu domínio sobre si/ tu és mulher/ livre para se amar/ tenho tesão em mim [...]” (Camurça, 2019, p. 24). Quebrando todo o silêncio, a voz já não é mais silenciada, o corpo agora fala por si, sem se esconder, escancarando cada detalhe do gozo: “Essa não é uma cena triste/ Isso não é solidão/ adentro/ afundo deslizo e/ me ponho pra fora/ liberto-me/ conhecendo-me e me amando/ refazendo-me e gozando [...]” (Camurça, 2019, p. 25).

O foco do prazer deixou de ser o outro. A mulher é agora protagonista dos seus desejos e conhece o seu corpo: “[...] eu cansei de falar de você/ eu não sinto mais esse prazer/ meus pecados sou eu em quantas/ partes me divido/ e eles pertencem a mim/ a mim” (Camurça, 2019, p. 25). Se a masturbação feminina foi tida como “pecado”, agora, então, é um ato ressignificado, intrínseco a esse corpo que é dono de si.

4. AMOR ENTRE MULHERES: POEMA MULHER

O que há de mais erótico do que o amor e suas múltiplas facetas? Na obra *O olho de Lilith* (2019), o amor é apresentado como uma extensão do erótico, representado pelo amor romântico entre homens e mulheres, o amor entre mulheres, o amor-próprio e outras representações do que possa ser interpretado como amor. Bell Hooks (2021) dialoga com as palavras do psiquiatra Scott Peck sobre o amor (1936-2005), em sua obra *A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual*, quando diz que: “O amor é a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa” (Hooks, 2021 apud Peck, 1978). O amor reside na vontade, na tentativa do/a sujeito/a ser o melhor que possa ser para si e para o outro.

A teórica tece importantes contribuições sobre o amor, teorizando a temática em uma trilogia de ensaios totalmente dedicada a esse sentimento. Para a ela “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade — isto é, tanto uma intenção como uma ação. A vontade também implica escolha. Amar é um ato da vontade” (Hooks, 2021, p. 41). O amor se apresenta como uma ação que nasce da vontade, um querer que impulsiona as relações humanas.

Na antologia erótica estudada, o amor é expresso através da lírica feminina, não apenas como um sentimento romântico, mas como uma força primordial que se nutre de liberdade. O amor entre mulheres emerge de forma simbólica, uma experiência bonita e complexa como

qualquer outra forma de amor. Mulheres que amam outras mulheres ainda enfrentam muitos desafios. O preconceito ainda é marca recorrente dentro da nossa sociedade heteronormativa. A sociedade ocidental, sob o domínio do patriarcado, atribuiu à mulher papéis estereotipados, como o de dona de casa, genitora, mãe, sendo constantemente subjugadas por não estarem alinhadas aos papéis que lhes são pré-determinados socialmente.

Para as mulheres da comunidade LGBTQIA+, a supressão do erótico se dá de forma ainda mais violenta. No caso de mulheres negras pertencentes à comunidade LGBTQIA+, o poder do erótico além de ser violentado é totalmente invisibilizado. Considerando que o erótico está conectado ao amor, Audre Lorde (2019), em *Irmãs Outsider*, discute sobre a questão a partir de sua experiência, em trânsito pelos Estados Unidos e Europa, ao abordar como a lesbianidade é crucificada, não somente por homens brancos e mulheres brancas heterossexuais, mas também dentro das próprias comunidades negras, tanto por homens negros, quanto por mulheres negras heterossexuais. Segundo Audre Lorde (2019, p. 64):

Para o racista, pessoas negras são tão poderosas que a presença de uma pode contaminar toda uma linhagem; para os defensores da heterossexualidade, lésbicas são tão poderosas que a presença de uma pode contaminar todo o sexo. Essa postura presume que, se não erradicarmos o lesbianismo das comunidades negras, todas as mulheres negras vão se tornar lésbicas também se presume que lésbicas não têm filhos. As duas hipóteses são claramente falsas.

Dialogando com o pensamento de Lorde (2019), o texto *Então vamos por partes – erotismo e lesbiandade em Maria Isabel Iorio e Simone Brantes*, de Fernanda Martins Cardoso e Célia Pedrosa (2022), discute sobre o modo como a lesbianidade tem sido marginalizada e invisibilizada. As autoras propõem uma análise das representações culturais e artísticas, destacando a dificuldade em se afirmar um erotismo lésbico, nesse sentido “O silenciamento da voz feminina parece, portanto, se duplicar diante da experiência lésbica, principalmente no que tange ao erotismo” (Cardoso; Pedrosa, 2022, p. 101).

Em *O olho de Lilith*, (2019) alguns poemas são escritos exaltando o relacionamento homoafetivo entre mulheres, como corpos que celebram o amor em sua plenitude, de forma escancarada, gritando aos quatro cantos a afirmação da sujeita-mulher, amante e amada, e seus desejos pela outra-igual a ela. É o caso do poema “Mulher”, de Argentina Castro:

Dentro da noite fria
Diante do teu sorriso estampado
Mora meu desejo meio acanhado
Eu mulher, e tu,
tantas outras
Tua boca, ali, virgem da minha
Vontade de me emaranhar

Nos teus encaracolados
Meu corpo querendo o teu
E isso que nunca aconteceu...
Eu aqui te querendo
Tu aí se escondendo
Fugindo do balanço do meu corpo com teu [...] (Castro, 2019, p. 97).

No poema, é possível percebermos as fases da paixão de alguém que se enamora. Roland Barthes, escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês, em sua obra *Fragmentos do discurso Amoroso* (1977), explora o amor sob diferentes perspectivas. De forma fragmentada o texto vai discutindo as fases e etapas do amor, como um sentimento que não se concebe de forma linear, mas de forma indeterminada e por vezes contraditórias: “Por uma lógica singular, o sujeito apaixonado percebe o outro como um tudo (a exemplo de Paris outonal), e, ao mesmo tempo, esse tudo parece comportar um resto vazio que não pode ser dito” (Barthes, 1981, p. 14). No poema, a voz poética assume seu encantamento para a outra mulher, assumindo um estilo clichê-romântico, vejamos: “Diante do teu sorriso estampado/ Mora meu desejo meio acanhado/ Eu mulher, e tu,/ tantas outras [...]” (Castro, 2019, p. 97).

Essa voz que se enamora, vive na expectativa do que poderia ser e vai descrevendo as sensações que a amada a faz sentir. Existe um jogo entre aparecer e esconder, um eu que se enuncia e outro que se esconde “Eu aqui te querendo/ Tu aí se escondendo [...]” (Castro, 2019, p. 97). O desejo estampado a cada momento, o erótico explícito em cada sensação, no desfrutar de cada detalhe. A voz poética não experiencia, apenas imagina como seria sentir o toque da amada “[...] Tua boca, ali, virgem da minha/ Vontade de me emaranhar/ Nos teus encaracolados [...]” (Castro, 2019, p. 97). O eu lírico convida: Vem mulher, amanhecer dentro de outra/ Fundir tua boca com minha boca/ Vamos juntas construir um jardim/ Encosta teu corpo sedento no meu/ Me prova que amor entre iguais/ É muito mais que o meu, somado ao teu (Castro, 2019, p. 97).

O encontro não acontece, mas é ansiado, “Meu corpo querendo o teu/ E isso que nunca aconteceu [...]”. Existe um convite, o eu que se enuncia, chama essa mulher, mas também convida quem lê: “Vem mulher, amanhecer dentro de outra” (Castro, 2019, p. 97). Barthes (1996, p. 11), em *O prazer do texto*, escreve: “O texto que o senhor escreve tem que me dar prova de que ele me deseja”. O poema deseja e convida mulheres a se perceberem e se conhecerem, pois, a mulher chamada, não é singular, ela abarca dentro de si a pluralidade de outras mulheres “[...] Eu mulher, e tu,/ tantas outras [...]” (Castro, 2019, p. 97).

O poema de Argentina Castro, não se apresenta apenas como uma forma de representatividade, mas também como um ato de afirmação e de visibilidade. Os versos criam

imagens vívidas, representando as múltiplas facetas da mulher, através de uma linguagem rica e poderosa, que evoca a experiência feminina “Me prova que amor entre iguais/ É muito mais que o meu, somado ao teu” (Castro, 2019, p. 97). A somatória desse amor traz consigo, tantas outras histórias de amor entre mulheres que foram silenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a proposta dessa leitura crítica e as reflexões sobre os sentidos do erótico na obra *Olho de Lilith* (2019), com foco na análise dos poemas de Mika Andrade, Nádia Camurça e Argentina Castro, foi possível percebermos como as poetisas ressignificam o tema do erótico, sem reduzi-lo somente a expressão do desejo sexual, mas como uma força de subversão, resistência e afirmação do poder feminino. Ao trazer a figura de lilith, um ser mitológico, geralmente representado como um espírito transgressor, essas vozes literárias buscam romper com estruturas sociais machistas, sexistas e misóginas, através de poemas que exaltam a força da mulher.

Os sentidos do erótico nas poesias analisadas se configuram como um território múltiplo e fluido, no qual a sexualidade, o prazer e a intimidade, são abordadas. Através da linguagem poética, as autoras criam um espaço onde o corpo feminino se liberta, se conhece e se experimenta, em um lugar de enunciação, no qual o desejo não é limitado, mas sim explorado em todas as suas potencialidades.

Ao proporem uma visão do erótico como uma força libertadora e ao mesmo tempo sensível, as vozes poéticas contribuem no campo literário e no campo da autoria feminina, com poesias que colocam a mulher em posição de sujeito ativo, capaz de moldar seu próprio desejo. Através de poesias provocativas, os versos exploram o corpo feminino, convidando outras mulheres a fazerem o mesmo. Portanto, a antologia erótica de poetisas cearenses: *O olho de Lilith* (2019) é uma obra que dá margem e celebra a escrita de autoras cearenses, trazendo uma contribuição enriquecedora para literatura brasileira com vozes femininas diversas e escritas plurais dialogando entre si.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mika (org.). **O olho de Lilith: antologia erótica de poetisas cerarenses**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, Ana terra dos Santos. **A escrita erótica de autoria feminina: entre a domesticação e a transgressão**. - Salvador, 2022. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL, Campus I. 2022.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1996.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BBC News Brasil. **Mulheres conversam sobre masturbação?**. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ksAas5NIsTc&t=80s>

BÍBLIA. Gêneses. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CARDOSO, F. M; PEDROSA, C. **Então vamos por partes – erotismo e lesbiandade em Maria Isabel Ioro e Simone Brantes**. Texto Poético, ISSN: 1808-5385, v. 18, n. 37, p. 93112, set/dez. 2022.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

Dias, J. C. T. (2018). **A Poética da Transgressão de Gilka Machado**. *TEOLITERARIA - Revista De Literaturas E Teologias*, 8(15), 297–315. <https://doi.org/10.19143/22369937.2018v8n15p297-315>.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação com prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante. 2021.
LORDE, Audre. **Usos do erótico: O erótico como poder In: Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PINHEIRO, Maria do Socorro. **O Imaginário erótico na poesia de Gilka Machado**. Uberlândia: **Téssera**, v.1, n.2, p. 105-119, |jan/jun. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento / Justificando, 2017.

SILVA, Iane Christina Alves Rodrigues da. **Lilith entre a profanação e a paródia: uma leitura de Caim de Saramago**. 2021. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.122>.